



PEDRO MALAN no Rio: o ministro da Fazenda criticou o PT na abertura do 13º Fórum Nacional

Malan ataca PT em discurso político

Para ministro, CPI da Corrupção teve unicamente motivações políticas

Flávia Barbosa

• O ministro da Fazenda, Pedro Malan, assumiu uma postura política e afirmou ontem, em dois eventos no Rio, que o governo era contra a CPI da Corrupção por considerar que não poderia se deixar inviabilizar por "menos de um terço do Congresso Nacional". Atacando os partidos de oposição, especialmente o PT, o ministro destacou que, por motivações explicitamente políticas da oposição, o governo não deixaria uma CPI paralisar o país, "num momento em que isso não poderia acontecer".

Malan enfatizou ainda que todas as denúncias da oposição constam do documento oficial "Combate à corrupção" e que o governo há muito as está apurando.

— O governo não teme as investigações. Não aceitamos o argumento de que temos algo a esconder. Agora, é razoável que o governo não aceite passivamente a idéia de se deixar inviabilizar. Não é medo, como dizem os de má-fé, movidos pelo debate ideológico — disse Malan, em discursos praticamente iguais, durante a posse do presidente do Instituto Brasileiro de Executivos

de Finanças e na abertura do XIII Fórum Nacional.

O fim da hiperinflação foi apontado por Malan como uma importante arma no combate à corrupção, pois, segundo disse, "era um véu, uma zoeira, um zumbido, uma poeira" que permitia práticas leais aos cofres públicos.

Para Malan, PT não pode se apropriar da bandeira ética

— Isso está aparecendo agora porque há transparência. O melhor detergente para a corrupção é a luz do dia — declarou, acrescentando à lista de feitos do governo o fim da Sudene e da Sudam, a devassa no Sistema Único de Saúde e investigações sobre precatórios.

As críticas ao PT dominaram a maior parte dos dois discursos. O ministro da Fazenda disse que a oposição não chegará a nenhum lugar se insistir na tentativa de criar problemas ao restante do mandato de Fernando Henrique Cardoso para tentar se beneficiar durante a campanha. Para ele, é inadmissível que um partido se proclame defensor da bandeira da ética, como se os demais defendessem a corrupção. O PSDB usou esse

mote recentemente em propaganda eleitoral gratuita.

Citando entrevistas do ex-governador do Distrito Federal Cristóvam Buarque, Malan aconselhou o PT a não se lançar nas eleições de 2002 para provar pela quarta vez que tem a maior liderança de oposição do país:

— A não ser que queira ter base para o "quanto pior melhor" — ironizou.

O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), João Felício, que integra a mesa de abertura do Fórum Nacional, respondeu ao ministro da Fazenda. Bem humorado, chegou a listar mais de dez adjetivos pejorativos usados por Pedro Malan para caracterizar a oposição e destacou que, um mês depois da posse, os partidos da base governista já defendiam uma CPI do Lixo na administração da prefeita Marta Suplicy, em São Paulo.

— Quando a Itália fez a Operação Mão Limpa, não deixou de crescer. Se não tivesse ninguém do governo brasileiro envolvido em corrupção, ótimo, teríamos prestado um serviço à democracia. Temos mais é que falar. E contra — disse João Felício. ■